

ABRACADABRA

BEM ALI, NO MEIO DAS INFINITAS MONTANHAS, vivia uma cidade brega e sem graça. Essa cidade, de nome Condeia da Serra, merecia, por decisão unânime deliberada pelo Comitê das Metrôpoles Independentes das Serras Brasileiras, um tchan de adrenalina e assim foi-se ali criada uma pequena praça pública com alguns brinquedos infantis, um ou outro banco de madeira velha e um palco para apresentações de teatro – ninguém, nos últimos cento e dez anos de vida serrana, havia performado uma peça sequer –, uma praça tão simples e sem cor que bem combinou com todo o resto.

Essa cidade tinha um grande problema: seus habitantes, em maioria, não eram felizes, pois eram acompanhados sempre por uma sombra muito maior que o normal, uma sombra que lhes tirava a luz do Sol e ainda os deixava com muito frio. O problema aparentemente não tinha solução, já que montanhas não costumam chegar para o lado ao pedido dos humanos, e a situação chegou a ficar tão crítica que a cidade se tornou, pois é, a cidade mais triste do país.

Mesmo assim, Condeia da Serra seria palco de um dos momentos mais extraordinários e potencialmente importantes do universo: pois lá, sentado no meio da praça pública sem graça e recém-construída, um pequeno bebê-filósofo chamado Jeremias Josué, em cujo DNA corria a mais desenvolvida inteligência já concebida entre humanos, compreendeu, de chupeta e fraldas, como as pessoas finalmente seriam felizes para sempre e como o mundo poderia de verdade se tornar um lugar melhor. No entanto, antes dele colocar isso na forma de suas primeiras palavras – o que tomaria mais ou menos oito segundos de intenso processamento neural –, um idiota ali do lado profetizou uma catástrofe, e a ideia se perdeu debaixo de um milhão de toneladas de pedras montanhosas, que despencaram friamente logo em cima da cidade.

Essa poderia ser a história de como o bebê-filósofo Jeremias Josué descobriu o elixir mais precioso de toda a vida, mas não é. Essa é a história, infelizmente, daquele idiota ali do lado.

Santiago dos Santos jurara ao mais sagrado – o espelho de seu banheiro – que seu livro seria um sucesso. Não. Mais, muito mais: que seu livro seria o compilado de palavras mais bem sucedido de todo o planeta Terra e sua curta história, que ele, Santiago dos Santos, um homem de olhos coloridos, um homem que via o mundo por duas lentes – e por isso via-o tão bem –, uma marrom e outra azul-bebê, seria não apenas capaz de uma alegoria tão grandiosa, como também ela seria molezinha.

– Que o mundo tenha que se torcer inteirinho para me segurar! – trovejou ele ao banheiro – Se eu não for *bombástico* o suficiente para uma tarefa dessas, que montanhas despenquem do céu!

E então saltitou para fora de casa.

Casa: curioso, não?

Pois a casa de Santiago dos Santos – dizia ele – estava longe de ser aquele retângulo-retângulo-quadrado-quadrado que as crianças tanto borram quando finalmente passam a dominar o mínimo de um lápis colorido. O que Santiago desenhou quando criou tal habilidade? Uma máquina de escrever, ora... fato é que Santiago dos Santos não pôde se contentar em ter sua máquina de escrever já bastante tecnológica ou sua estante lotada de livros não lidos e inferiores à sua futura obra prima como casa. Ele morava, antes de tudo destrambelhar, em um apartamento como qualquer outro, à exceção de uma coisa.

Sua casa não tinha portas, e foi por isso que (com certeza) entraram nela e roubaram toda a sua criatividade.

Escritor sem criatividade, onde já se viu?

Calma, Santiago. Respira.

Está tudo sob controle. Está?
Digo, será?

Há truques baratos para tudo. Todo mundo já ouviu uma história de alguém que esquece como se fala, e então um dia miraculosamente acha as palavras de novo – se chama derrame. Bem, se até as palavras são reencontradas, a sua criatividade pode ser também, Santiago. No entanto, há algo a mais a se contabilizar: ele bem ouvira, muitas e muitas vezes, principalmente daquelas pessoas lotadas de olheiras no rosto e cabelos despenteados, que a vida é feita de sacrifícios. Isso o fez entender que:

Primeiro, ele teria que sacrificar uma quantia razoável de sua poupança para subir uma porta na entrada de sua casa, para que da próxima vez não roubassem sua confiança – sem ela, não sobraria nada.

Depois, ele teria que sacrificar algo muito mais importante, algo *realmente* importante para ele, algo que fosse tão precioso quanto seu livro-a-ser-escrito para recebê-lo em troca. O que, droga? Santiago não tinha tanto dinheiro assim, e não é fácil enganar o destino: se ele sacrificasse sua máquina de escrever importada – que seria no dia seguinte substituída por outra, talvez um pouco mais “gente normal” – ou qualquer livreto mixuruca de sua estante que não valia o seu preço, o destino não aceitaria tal oferta, pois não era algo que *realmente* importasse a Santiago a ponto de deixar um vácuo eterno em seu peito. Até Santiago duvidava que a vida lhe daria de volta sua criatividade com esse truque barato! “O que se deve sacrificar nunca voltará para você”, dizem os cheios de olheiras. Santiago tinha, portanto, um enorme problema, pois não havia nada tão grande em sua vida como seu livro-a-ser-escrito.

Mas uma coisa, uma coisa!, ele poderia fazer. Santiago dos Santos, em suas infundáveis buscas por ideias para seu romance perfeito que ainda não detinha uma palavrinha sequer de tamanho, certo dia acabou nas portas de um pseudocassino, cuja única diferença é que naquelas mesas redondas e verdes não se jogava pôquer, *blackjack* nem buraco; também não havia aquele tipo de gente, os que fumam sem parar, os que não saem de lá nem a pau, os que não abandonam os bonés e óculos escuros independentemente da quantidade de vezes que os lembrem que o sol está lá atrás das paredes, inacessível; naquele cassino em particular não se ia para tentar ganhar – e acabar perdendo – dinheiro. Lá as pessoas eram

recompensadas com bocas abertas e olhos arregalados, “não, você não fez isso, impossível”, pois lá se fazia mágica, ilusões da mente, baralhos que não faziam sentido, pessoas cujas mangas estavam sempre cobertas e que liam pensamentos, aqueles loucos que quase morriam toda quinta-feira, mas que conseguiam destrancar o cadeado a tempo e sair da piscina, abra-te, Sésamo! Dizem que há algo especial na mágica, que ao ter sua realidade distorcida você nunca volta a ser a mesma pessoa. Arte de enganar, tem algo mais lindo? Tem algo mais *humano*?

Pois bem! Pois era isso que aquele mero homem facilmente reconhecido pela sua heterocromia e bigode muito bem penteado iria fazer: já que não havia nada para ele sacrificar à altura de seu sonho de autor perfeito, para reconquistá-lo Santiago iria pura-e-simplesmente enganar com suas mágicas o próprio destino, pois o impossível, para ele, era mera ilusão.

Santiago não demorou a conquistar as ruas. Conhecia-as e conhecia as pessoas que por elas perambulavam, logo não foi um grande desafio para ele – o que é? – ser o melhor. Aprender a rápida ginga com as mãos nos baralhos, as distrações com sons e movimentos e a arte da sociabilidade forçada (foi a mais difícil) não demorou muito, de forma que os dias como artista de rua logo corriam surpreendentemente bem, dias tranquilos à sombra de sua carreira literária por enquanto congelada, dias criando surpresa e indignação, dias aonde enganar o outro lhe lotava de moedas (até demais).

No entanto, em um certo dia bastante ensolarado, daqueles que nada de mal pode acontecer, Santiago sentiu um odor forte e curioso, um cheiro distante, com certeza de alguém que já passara por aquele exato lugar havia tempo, quando o céu ainda estava escuro e as estrelas pipocavam lá em cima. Algo o alertou: “há outro mágico tão bom quanto eu pisando sobre o chão!”. Olhe – não: sinta – as menores nuances de seu perfume, ainda respingando por alguns átomos pelo ar. Lá no fundo estava o cheiro da marca de baralhos mais famosas da cidade, fragmentos que indicavam o uso de cartola, casaca – possivelmente roxa –, luvas e, para deixar tudo ainda mais evidente, uma maldita gravata borboleta. Como cereja do bolo, Santiago ainda discernia naquele perfume um de camelô, mas um estrategicamente comprado para parecer de grife.

Aquele era um mágico dos bons.

O que é a vida se não um monte de problemas pulando um em cima do outro? Droga, Santiago, claro que as coisas iam piorar! Se sempre podem, por que não vão? Concentre-se, concentre-se... você decidiu o baralho, sabe fazer aparecer a carta escolhida de qualquer lugar... você sabe tirar bolas de debaixo dos copos e colocá-las quando ninguém espera... sabe mentir, e isso por si só já lhe faz meio-mágico... sabe truques com crochê e tinta... o que lhe falta?

O que o tal outro mágico, o *gangster* ao qual podemos intitular como Doutor Destino, sabe fazer que Santiago dos Santos não sabe?

Vida de cachorro: assim se passaram os seguintes dias de Santiago, fuxicando pelas ruas atrás do perfume encantado para enfrentá-lo (destruí-lo), mil e uma fungadas no chão a cada passo, talvez até engatinhando pelo caminho, onde está onde está? Parecia que o perfume do Doutor Destino estava sempre um passo em sua frente, bem no final da rua atravessando para a seguinte, logo no próximo vagão do metrô, no outro lado da parede de tijolos... e conforme Santiago jogava toda energia presente dentro do seu corpo nas pernas e acelerava atrás do cheiro, sempre o perdia no meio do caminho. E, para piorar, os clientes o vinham dando menos dinheiro, pois com certeza todas as notas iam com antecedência para os bolsos de seu arqui-inimigo.

O problema era que de fato o destino havia fadado os dois a nunca se encontrarem. Século da tecnologia *touch* em todo lugar, geração do sabe-se de tudo a todo momento.... não, para aqueles dois seria impossível toparem um em espaço do outro por puro acaso, ter um vislumbre sequer além do ínfimo cheirinho deixado para trás pelas roupas fora de moda do adversário (convenhamos, Santiago também as usava).

Porém, se há algo que já foi deixado bem claro nessas páginas é que Santiago dos Santos não é um homem delimitado pelo destino. Agora, mais do que nunca Santiago precisava ser maior do que ele, pois apenas como o Melhor Mágico do Mundo seria possível pegar sua criatividade de volta e escrever seu já tão aclamado (e atrasado) Melhor Livro

da História do Mundo. Era *necessário* que Santiago ganhasse o embate com seu adversário mágico, tipo coisa-maior-que-uma-vida, e, já que era impossível esbarrar com ele andando por aí, Santiago deveria, de novo, dar o seu jeito.

Festa, festa! – dizia o panfleto.

Truques de mágica infinitos, lugar de surpresas infinitas! – ainda havia muito a se refinar em sua escrita.

Venha ver, venha ver, na sexta-feira, a Terra do Nunca! Uma competição entre os melhores mágicos da cidade, com *foodtrucks* e música boa! Para todos os mágicos da cidade: estão *todos* convidados!

Oito foram os mágicos selecionados para a competição – na verdade dez, mas os dois que Santiago não foi muito com a cara foram “colocados de lado” para o chaveamento ser perfeito: quartas de final (note: final) logo como primeiro *round*, semis e, por último, o grande duelo. Santiago não precisou checar a lista com todos os candidatos e embates para saber que ele estaria, com total certeza, na chave oposta do Doutor Destino e que o encontro entre eles estava fadado – desde o berço, para se falar a verdade – à final, que nem as leis da probabilidade ou qualquer besteiro parecido os afastaria disso...

Doutor Destino!

Seu verdadeiro nome? Não se sabe tal forma real, apenas essa criptografada. Independentemente de quantas vezes chamassem o arqui-inimigo de Santiago em voz alta ou até entregassem documentos escritos com seu nome-de-pessoa às mãos do Melhor Escritor do Mundo, Santiago dos Santos apenas ouvia esse par de palavras, esse maldito codi-nome. Cochichos pelos camarins falavam que o Doutor Destino inspirara sua gama de truques nos ensinamentos do grande Harry Houdini, misturando o clássico com essa tal inventividade das novas gerações. Santiago não se importou nem um pouco com os boatos: que venha o esnobe!

A tenda foi posta de pé logo de manhã e os primeiros fãs lotaram o circo antes mesmo do pipoqueiro chegar e chorar de alegria. Veja, do alto, uma tenda imensa e colorida, bastante barulhenta... agora se aproxime e ultrapasse a camada de lona, atravessando-a como um fantasma... no centro da tenda, iluminada por uma lâmpada que desce lá do seu topo, resiste uma enorme cortina vermelha que, depois de muita espera, cai ao chão rapidamente e de lá aparece um mágico bigodudo, alguém pelo qual mesmo de longe nota-se seus olhos potentes, um que lê os corações alheios (o marrom) e o outro que lê as mentes (o azul-claro).

O apresentador, que rouba o palco do verdadeiro comentarista, não parece estar ali por brincadeira: suas feições são duras e não há tantas piadas (as que aparecem se mostram bem forçadas), mas, assim como ele mesmo diz, é coisa de quem está focado. Ele explica o pretexto da competição: duelos épicos entre os mágicos da cidade para condecorar o grande campeão como o Melhor Mágico do Mundo. As pessoas vibram e riem, riem como se aquilo fosse uma piada (em que mundo vivem?), o que cria ainda mais grandiosidade no homem com o microfone na mão.

Todos batem muito as palmas das mãos e, alguns, os pés no chão. Pipocas voam pelos ares, caindo de vez em quando nos cabelos das pessoas abaixo. Um ou outro responsável se pergunta se aquele circo vai despencar de tanto tremelique mas, em nome da mágica, é claro que não.

Foque em você, e em ninguém mais. Droga!

Santiago dos Santos, todo jogo é uma final.

O Doutor Destino é o maior entre eles, você sabe... então apenas atrole os outros até lá.

Mostre que você é o Melhor Mágico do Mundo. Esbanje, grite, chute, ilumine!

Luzes, câmeras, e...

Santiago pousou no palco com avidez. Remexeu no paletó com as duas mãos enquanto gingava o corpo para os lados, gabando-se: *eu estou pronto*. Do outro lado do ringue subiu o Medonho, um homem pequeno, magrelo e de conjunto totalmente roxo, uma pessoa um tanto corcunda.

Era um adversário de respeito: possuía mãos ligeiras e um jeito engraçado com o público; forçava muito bem um dialeto gago, mas sem deixar claro à plateia se de fato ele era ou não (Santiago rapidamente percebeu que era apenas teatro). Enquanto Medonho esbanjava seu truque amador com cordas, cortando-as e grudando-as subitamente de volta, Santiago apenas ria em própria companhia, talvez um pouco aparecido demais. Afinal, Medonho era um tanto fora de moda.

Abatê-lo foi, por conta disso e de mais um tanto de outros motivos à superioridade (como: a simples falta, por parte do Medonho, de um bigode penteado ou de um talento geracional, talvez a presença de um bafo sinuoso demais), mamão com açúcar. Mesmo pouco empático com o público (afinal, na mente de Santiago havia apenas seu livro e, de escanteio, o sucesso como mágico), Santiago fez todos do circo delirarem ao desafiar o impossível com apenas três copos vermelhos de plástico e algumas bolas de alumínio: primeiro, colocou todos os copos vazios e virados para baixo em uma mesa; depois colocou três pequenas bolas de alumínio em cima de cada um. Pegou a primeira bola, levou a mão para o céu, abriu-a: e nada da bolinha por ali. Em seguida abriu o primeiro copo, de onde – exatamente – apareceu bolinha! Esperem, está apenas começando... puxou o segundo copo, de onde apareceu mais uma bola. Puxou o terceiro, vazio. Então puxou de novo o primeiro copo, agora esbanjando uma bola de golfe! Puxou o segundo, de onde apareceram três bolas de alumínio, com as quais fez rapidamente um malabarismo. Jogou as bolas sem importância para o ar, deu a língua ao público e puxou o terceiro e último copo, agora escondendo uma laranja!

O público condecorou-o com o maior aplauso da noite até então. Enquanto Medonho, cabisbaixo, ia embora do palco, Santiago apenas deu de ombros.

– Fora de moda – riu.

Doutor Destino roubou o seu posto de maior aplauso da noite logo no primeiro *round*. Por orgulho, não traremos à tona sua magnífica apresentação. Perfeita, cronometrada, impossivelmente bela. Esqueça isso.

Por enquanto, fiquemos satisfeitos (é o que Santiago permite) apenas com o visual do Doutor Destino finalmente em cena: ele era um homem

com ombros robustos e queixo definido, de longos cabelos loiros presos por um coque. Não tinha barba – na verdade, seu rosto era como bumbum de bebê – e seu sorriso era daqueles que aguentaram anos com aparelho fixo e agora faziam questão de esbanjar-se. Seu jeito era relaxado e confiante, como se ele *realmente* acreditasse que tudo que fosse fazer daria certo. Parecia, acima de tudo, feliz.

Não: não alocuemos boas palavras a este podre homem. Nem pensemos em fazer isso. Apague-as!

Ei. Santiago.

Estão te chamando.

O que há? Você mandou tão bem.

Vá, é a semifinal contra a Alerquinha. Vá, vá, você sabe o que fazer.

Sorte a de Santiago que mágicos são usualmente tão confiantes que o público tende a ver os momentos de nervosismo como mera atuação... lá foi Santiago, mordendo as palavras enquanto falava, vez ou outra gaguejando como seu primeiro (e já derrotado, vale a pena lembrar) adversário, puxando do bolso um deque de cartas e chamando (apenas apontando) alguém da plateia para sofrer de sua ilusão. Veio alguém que Santiago mal olhou nos olhos, apenas se sentou do outro lado de uma mesa (ele nem notara como ela chegara lá) e começou... ve-vejam público, eu não sei qual ca-carta ele desculpa ela pegou, pode mostrar para a-a plateia... isso, mostre bem, to-todos viram, correto, há há, correto... agora devolva aqui junto das outras cartas, faça três bolos, não, faça assim, e... essa pena (Santiago tira uma pena rosa do bolso) vai me contar qual carta foi a es-escolhida.

Silêncio...

Três de copas!

Todos aplaudem – ufa!

Mas tem mais, pessoal (todo seu superpoder e glória voltam)! Aponte para um desses três bolos de cartas (ela aponta para o do meio). Tem certeza? (ela tem). Certo. Puxe então a primeira carta desse bolo e mostre-a ao público, por favor.

Ela puxa a carta e a mostra à plateia.

E qual a carta?

Um três de copas.

Com isso Santiago pula da cadeira com as mãos para o ar: ele está na final (ou quase isso, pois a Alerquinha sobe agora ao palco para seu rebate, mas ele mal a vê, pois já sentiu o cheirinho do destino, nem presta um pingão de atenção nos malabarismos dela, nas cartas que faz desaparecer e aparecer, no momento caro em que ela erra um dos truques... Santiago mal vê nada; apenas espera o último passo).

Doutor Destino começa sua apresentação na semifinal, e...

Santiago resolve ir ao banheiro, dar uma relaxada.

Boa escolha. Foque no momento certo, exatamente. Esqueça os berros da plateia, não estão tão animados assim. De volta ao camarim: preparação para a final.

Tudo ou nada: é o que é.

Chamam Santiago e ele responde bambo ao chamado. Se desloca palco acima, encara seu adversário; nojento, salafrário, loiro, claro que é ele, os dois na grande final, por que ele tenta se fazer tão calmo?

Faça cara de mau, Santiago. Faça...

O apresentador – aquele do qual Santiago roubara o lugar para ter maior presença de palco, mas que finalmente recuperara o microfone – dita as regras da final: alguns minutos (Santiago nem o escuta), quantos truques quiser (cara de mau), votos do público quanto ao campeão (Santiago). O apresentador agora vai ao centro do ringue, assopra com toda a força em seu apito e corre para fora do palco. Doutor Destino ganha o par ou ímpar; o palco é todo dele.

– Em um belo dia, ouvi uma bela frase sobre mágica – o Doutor Destino fala, enquanto passeia lentamente no palco; o público não dá um pio – Eu era uma criança na época, não mais do que sete anos, e ela grudou em mim desde lá, acreditam? – Santiago não nota tensão alguma em seu

inimigo: até os momentos de silêncio para ele são canja de galinha. – A frase fala que um simples e raso truque é, ao mesmo tempo, um milagre. E que trazer milagres às pessoas é uma das coisas que faz a vida ter sentido – quanta enrolação, alguém realmente ouve esse malandro? – E se a vida é feita de milagres, hoje vou fazer algo muito especial: pois vou trazer do puro nada, pois é, a vida!

Com isso o Doutor Destino desce do palco, sorri, dá a mão para uma moça da plateia e ela é condecorada com muitas palmas; o público parece estar caindo na firula de um galã – normal. Santiago, por que se mexe tanto? Aquieta as pernas! Ei!

A moça senta em uma cadeira e o Doutor Destino puxa de trás do palco um móvel de rodinhas que segura um grande e transparente aquário, à exceção de que nele não há peixe algum, apenas água clara. Então Doutor Destino traz um pequeno e vazio jarro transparente e coloca-o na mão da mulher. Volta na direção do aquário: tudo sem dar um pio, o que faz o público – por que, Deus? – morrer de rir de um jeito *há-há-como-estou-amando-tudo!* Doutor Destino molha as mãos no aquário e as bate enquanto encara a cobaia, desafiando-a com os olhos. Uma música clássica passa a tocar e o homem dá dois pulinhos animados enquanto volta ao aquário: molha as mãos, fecha-as e... ao chegar perto e encarar o jarro vazio no colo da mulher, abre as mãos e delas caem dezenas de moedas! O público vai à loucura... Doutor Destino transforma água em moedas várias vezes, indo-e-vindo-indo-e-vindo. Depois, para ser diferente, faz algumas moedas aparecerem do ar e vai jogando-as no jarro agora nem um pouco vazio, que samba conforme movimenta as suas muitas peças de metal.

Santiago se controla. Como o desgraçado está fazendo isso? Ah, não: Santiago não faz a menor ideia.

Agora, Doutor Destino – sempre com caretas engraçadas à plateia, que bastardo marrento – pega uma mão de moedas do jarro e volta-as à água. Nada acontece. Ele então pede silenciosamente à moça cobaia que assopre três vezes nas laterais do jarro e assim ela o faz. Assoprar? Ventinho? Que enrolação... mas então o Doutor Destino pega mais uma vez várias moedas em sua mão fechada e coloca-as delicadamente nas águas do aquário.

O público se levanta em delírio: das incontáveis bolhas que circundam pelas águas ao toque do Doutor Destino, dezenas de peixes alaranjados florescem.

– Alguém aqui já ouviu que a mágica é a arte de mentir? – o maldito continua, atropelando o direito de Santiago descansar seu coração em maratona. Agora Santiago escuta seu inimigo como uma mera vizinha distante, como se estivesse ele próprio dentro de uma daquelas máquinas que abafam qualquer ruído distante nos hospitais. *Bep. Bep. Bep* – Quero agora provar para vocês que os únicos que mentem na mágica são as nossas sombras.

Dessa vez não é o Doutor Destino que prepara sua mágica: tão grandioso se mostrou ser, a equipe técnica traz a bancada, o jarro com a rosa elevando-se, a lâmpada e o quadro branco coberto com papel, onde a sombra se posicionará. Montam rapidamente: pousam a lâmpada em uma extremidade do palco, iluminam a rosa e sua sombra cresce no papel atrás dela. O silêncio se instaura no circo e, em questão de segundos, há apenas no palco o Doutor Destino com uma tesoura. Ele finge estar mais sério – coisas de ator – e o público, como se não cansasse, entra na brincadeira. O silêncio vai esfriando cada vez mais aquele circo, encolhendo-o e encolhendo-o, todos olhando a maldita rosa e subitamente está atrás dela o Doutor Destino, abrindo a tesoura e... não, ele apenas finge cortar a planta. Em seguida, vira-se à sua sombra. Pisca ao público (Santiago quase desmaia) e encosta na sombra de uma das folhas e abre a tesoura e sorri ao público e fecha – lentamente – a tesoura e ouve-se um barulho e... caem as duas, a sombra impossivelmente cortada e a folha, impossivelmente cortada.

Aplausos. Muitos aplausos. Ovações. Gritos de eu te amo... no meio deles há o protesto de Santiago, “assassino está matando no palco isso é proibido deve ser desclassificado assassino me escutem parem já tudo por que não fazem nada?”. O calor do público apenas aumenta e, enquanto as pessoas se levantam, ninguém – nem um pobre coitado – dá um pinga de atenção a Santiago, que apenas é empurrado de volta ao seu banquinho por um apresentador sem paciência.

E o maldito continua:

O Doutor Destino desafia a originalidade da matéria, destruindo algo pela sua sombra, fiapo por fiapo, folha por folha até chegar nas pétalas, uma por uma, *rec-rec-rec*, até ele cortar o dedo em um movimento destrambelhado com a ponta da tesoura e o público uivar com pena (Santiago abre os olhos)... mas de novo há aquele *poder* sobrenatural daquele homem maquiado e de origens que só podiam ser do inferno, pois ele vira sua mão ao público e todos veem que ela está completamente normal, sem uma gota vermelha sequer... para, apenas um ou dois segundos depois, verem gotas de sangue despencando da sua sombra em câmera lenta... e então Doutor Destino, fingindo surpresa, aproxima a mão saudável de sua sombra machucada até tocar no papel... e no mesmo momento passa a manchá-lo todo de vermelho, trazendo à tona a habilidade de um simples homem (chamado Doutor Destino) de enganar a realidade, de ser ao mesmo tempo um homem e sua sombra, de trocar a ordem do universo.

Foi nesse momento que todos ali condecoraram, para todo o sempre, o Doutor Destino como o Melhor Mágico do Mundo.

Um mar de barulho abraça Santiago quando o apresentador o chama ao palco para o rebate (ou seja, sua vez de chutar bundas)... mas Santiago sabe, todos ali sabem (é claro), que tais aplausos não são para ele, que tais mãos ovacionam o galã loiro de sorriso trabalhado, o homem que burla as leis da matéria e cria peixes de moedas, o homem que destrói coisas através de suas sombras, o homem que é maior que o impossível, que é maior que o destino.

O que Santiago é?

Uma enorme tentativa, uma vontade sem fim?

Já dera – o mínimo, convenhamos... – vida a algo inanimado? Já distorcera o espaço e o tempo, salvara a humanidade, transformara água em vinho?

Um homem chamado Santiago dos Santos pisa com o pé esquerdo – está distraído – no palco. E ouve muito, muito... e então dá mais um ou dois passos sem direção, e o clamor aumenta. Seus dentes tremem. Não são nem de longe tão bonitos quanto os do homem que acabara de roubar seu posto. A oratória de Santiago? Nem se compara. Pífia. Seus

movimentos são rígidos, não fluídos como os do galã. Bravos, não repletos de felicidade.

Santiago, um homem que possui sempre um posto de Melhor do Mundo a perder, finalmente entende: ele nunca tem algo a verdadeiramente conquistar. E os aplausos aumentam, os segundos passam, cada vez mais pessoas ficam de pé, mas então subitamente a alegria mingua, as cadeiras recebem novamente o peso, o clima esfria de um jeito diferente da mágica do Doutor Destino, pois agora o silêncio traz consigo a falta de... e Santiago, um homem cuja criatividade fora roubada pelo vento, falha na simples arte de *fazer* e, no mais tardar, cai o homem de olhos coloridos ao fundo do poço, ao poço dos renegados, dos fracassados, ao poço dos que tão profundamente receamos – e com vergonha aceitamos – ser: *ninguém*.

O silêncio se instaura, o tempo de rebate acaba e um homem entende.